**Macetando o Apocalipse:
Uma Comparação entre as Apocalípticas Cristãs e Indígenas**
**“Macetando” the Apocalypse:
A Comparison Between Christian and Indigenous Apocalypics**

Caio César Andrade de Almeida¹

Allisson Goes²

RESUMO

Este trabalho analisa três perspectivas sobre o “fim do mundo”: a Teologia da Libertação, o dispensacionalismo e a visão indígena. A pesquisa questiona como essas diferentes cosmovisões moldam a compreensão do apocalipse e a ação humana no presente. A hipótese é que as perspectivas apocalípticas influenciam práticas e posturas sociais divergentes. A metodologia adotada é a análise comparativa de textos, observando como cada doutrina influencia comportamentos e a visão de mundo. As conclusões sugerem que a apocalíptica cristã tende a uma postura mais passiva, enquanto a indígena promove ação mais ativa, a partir da preservação e do cuidado com o mundo.

PALAVRAS-CHAVE

Apocalipse; Teologia da Libertação; Dispensacionalismo; Cosmovisão Indígena; Escatologia.

ABSTRACT

This paper analyzes three perspectives on the “end of the world”: Theology of Liberation, dispensationalism, and the indigenous view. The research questions how these different worldviews shape the understanding of the apocalypse and human action in the present. The hypothesis is that apocalyptic perspectives influence divergent social practices and attitudes. The methodology adopted is the comparative analysis of texts, observing how each doctrine influences behaviors and worldview. The conclusions suggest that Christian apocalyptic tends to have a more passive stance, while indigenous apocalyptic promotes more active action, based on preservation and care for the world.

¹ Mestrando em Direito (UFS). Graduando em Teologia. Faculdade Unida de Vitória. E-mail: caio.advocacia@gmail.com

² Doutor em Sociologia (UFS). Graduando em Teologia. Faculdade Unida de Vitória. E-mail: allissongoes@gmail.com.

KEYWORDS

Apocalypse; Theology of Liberation; Dispensationalism; Indigenous Worldview; Eschatology.

Introdução

O carnaval é a maior festa popular do Brasil, e a cidade de Salvador, na Bahia, é reconhecida como a que mais atrai público para essa celebração em todo o mundo, título confirmado pelo Guinness Book em 2004³. Entre os muitos artistas que o carnaval de Salvador projeta para o Brasil e para o mundo, a cantora Ivete Sangalo é uma das mais renomadas. Em 2024, sua música “Macetando” tornou-se a mais ouvida na plataforma de streaming Spotify⁴. Nesse mesmo ano, durante a apresentação de Ivete Sangalo no carnaval de Salvador/BA, um fato inusitado chamou a atenção: a cantora Baby do Brasil, convertida ao cristianismo evangélico, fundadora da igreja denominada “Ministério do Espírito Santo de Deus” e autodeclarada “popstora”⁵, enquanto interagiu com os artistas no *glass* da Band Folia, afirmou: “Todos atentos porque entramos em apocalipse. O arrebatamento tem tudo para acontecer entre 5 e 10 anos. Procure o Senhor enquanto é possível”. Em resposta, Ivete Sangalo declarou: “Eu não vou deixar acontecer, porque não tem apocalipse que resista ao ‘Macetando’. A gente maceta o apocalipse! Vou cantar uma música aqui, é o ‘Macetando’ de Jesus, o apocalipse do amor”.

Esse diálogo inesperado repercutiu em matérias jornalísticas e nas redes sociais, expondo, as concepções apocalípticas que dominam parte do cenário evangélico brasileiro. Discursos como esses não são novos, pois “o Cristianismo Antigo nasceu como um movimento apocalíptico no Judaísmo”⁶, o que torna difícil dissociar o cristianismo dessa literatura (do gênero apocalíptico). Richard A. Horsley e John S. Hanson, ao estudarem os movimentos populares da época de Jesus, afirmam que a literatura apocalíptica “não era simplesmente só a busca urgente de uma revelação, mas também uma convicção consoladora e muitas vezes fortalecedora de que a libertação divina, até mesmo a realização da história, estava prestes a acontecer”⁷.

Diante desse contexto, este trabalho tem como questão norteadora: como diferentes cosmovisões moldam a compreensão do apocalipse e a ação humana no presente? A partir desta pergunta, definimos como objetivo geral compreender três perspectivas diferentes perspectivas sobre o fim do mundo, a da Teologia da Libertação, a doutrina do dispensacionalismo e a concepção indígena e seus desdobramentos em termos de ação humana no tempo presente.

³ ROCHA, Adriane. Carnaval de Salvador é o maior Carnaval de rua do mundo. Portal Umbu, 18 jan. 2024. Disponível em: <<https://portalumbu.com.br/carnaval-de-salvador-e-o-maior-carnaval-de-rua-do-mundo/>>. Acesso em: 02 mar. 2024.

⁴ JORDÃO, Pedro N. “Macetando” é a mais ouvida do carnaval no Spotify Brasil. CNN Brasil, São Paulo, 15 fev. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/macetando-e-mais-ouvida-do-carnaval-no-spotify-brasil/>. Acesso em: 7 nov. 2024.

⁵ PRADO, Pedro Benjamim. Baby do Brasil diz que foi abduzida por ETs. *Terra*. 16 fev. 2024. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/diversao/musica/baby-do-brasil-diz-que-foi-abduzida-por-ets,5a70474966ea98a0798b4e-34204107c521rgfifl.html>>. Acesso em: 2 mar. 2024.

⁶ ROWLAND, Christopher; MORRAY-JONES, Christopher. *The Mystery of God: Early Jewish Mysticism and the New Testament*. Leiden: Brill, 2009, p. 11 apud TERRA, Kenner R. C. *O Apocalipse de João: caos, cosmos e o contradiscurso apocalíptico*. 2. ed. São Paulo: Recriar, 2020, p. 13.

⁷ 1995, p. 33.

Uma observação precisa ser feita: como é perceptível, a breve análise aqui proposta vai além do escopo do judaísmo-cristão, pois, além de examinar duas perspectivas do universo cristão, pretende analisar também a compreensão indígena sobre o “fim do mundo”. Esse enfoque é justificado, diante das inúmeras cosmovisões sobre o “fim”, algo evidente no cotidiano brasileiro, marcado pela diversidade religiosa, como exposto no diálogo entre Baby do Brasil e Ivete Sangalo, considerando, inclusive, que uma cantora é evangélica de tradição neopentecostal e a outra se define como católica de batismo, mas com aproximações com as religiões de matriz africana⁸.

Para responder a pergunta proposta e alcançar o objetivo definido, fizemos uma pesquisa bibliográfica e a partir dela uma análise comparativa de textos, observando como cada doutrina influencia comportamentos e visões de mundo. É relevante destacar que, apesar de utilizar textos do gênero apocalíptico como fontes de pesquisa, a exemplo do Apocalipse de João, o objetivo desta análise não é estudar o apocalipse enquanto “gênero de literatura de revelação inserido numa moldura narrativa”⁹. A ideia é avaliar a *apocalíptica*, que é uma mentalidade e uma forma específica de pensar, cuja expressão ocorre por meio de diferentes formas literárias (inclusive, para além da forma escrita) e que não é exclusiva de uma religião ou de grupo político, podendo ser adotada por variados grupos e indivíduos em diferentes épocas e contextos.

1. Perspectiva da Teologia da Libertação¹⁰ do Apocalipse de João

Na exegese latino-americana do Apocalipse de João, a narrativa é lida como um texto que reflete “realidades de opressão e até mesmo martírios causados pela violência estrutural imposta pelo Império Romano sob o governo de Domiciano”¹¹. Dessa forma, para esse grupo, o livro foi escrito para encorajar os cristãos, inclusive os dos dias atuais, a resistirem às pressões e dificuldades, nutrindo a esperança de um dia adentrarem a *Nova Jerusalém*, “onde todas as lágrimas serão enxugadas” (Ap 21,1-4). Trata-se, assim, de uma leitura contextualizada e associada a um paradigma político.

Considerando que, para essa interpretação e tradição, o Apocalipse de João foi escrito no seio de comunidades marginalizadas, pobres e oprimidas, as quais produzem uma visão histórica ou teológica alternativa à dos grupos dominantes. Essa interpretação gera identificação com a maneira como o texto é lido e interpretado nas terras latino-americanas, especialmente em um

⁸ SANGALO, Ivete. IVETE SANGALO – Podpah #767. Entrevistado por Igã e Mítico. *Canal Podpah*, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=daOIMMxh7r4>. Acesso em: 8 nov. 2024.

⁹ COLLINS, 1979, p. 9 *apud* SOARES, Dionísio Oliveira. A literatura apocalíptica: o gênero como expressão. *Horizonte – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, v. 7, n. 13, p. 99-113, dez. 2008, p. 106.

¹⁰ Para Boff (1996), a história da Teologia da Libertação na Igreja Católica tem como marco inicial o Concílio Vaticano II (1962), cujas reflexões deram base para a II Conferência Episcopal Latino-americana em Medellín (1968). Na Colômbia, foi evidenciado que a Igreja deveria ser sensível a sua condição de partícipe do mundo, preferencialmente nos contextos das pessoas excluídas, tendo em vista a situação de empobrecimento e marginalização latino-americanos. Em 1969, o teólogo Gustavo Gutiérrez publicou o livro “Teologia da Libertação”, demarcando de maneira mais precisa esta abordagem teológica. Vale salientar que outros teólogos, notadamente no campo protestante, estavam produzindo reflexões semelhantes, como James Cone (1968) e Rubem Alves (1969).

¹¹ TERRA, Kenner. *O Apocalipse de João: caos, cosmos e o contradiscurso apocalíptico*. 2. ed. São Paulo: Recriar, 2020, p. 135.

contexto de marginalização global em relação às grandes potências mundiais e com diversas mazelas sociais¹².

Essa interpretação considera que o texto foi escrito por um preso político exilado na Ilha de Patmos, “por causa da Palavra de Deus e do testemunho de Jesus” (Ap 1,9), embora não haja consenso sobre a verdadeira identidade do autor:

Alguns sugerem que seja o mesmo autor do Evangelho de João, porém também sobre o autor do quarto Evangelho não há consenso se é o apóstolo João, filho de Zebedeu (Mt 4,21; Mc 1,19). Outros creem que o autor seja o presbítero João, que era um líder das comunidades joaninas, na região de Éfeso, mas também nisso não há consenso. Então é inútil quereremos saber com certeza quem é esse João. O importante é saber que a ele foi atribuída a autoridade do livro. O que mais nos interessa é que João, o autor do Apocalipse, é alguém que soube colocar-se diante de Deus e acolher a mensagem revelada por Jesus Cristo (o Cordeiro vencedor)¹³.

Nessa perspectiva, o texto em análise não se refere ao “fim do mundo”, mas ao “fim de um mundo” – o Domínio Romano. “O Império Romano parecia poderoso, mas iria desaparecer. As comunidades, não. [...] Assim como Jesus foi perseverante e continua vivo, pois é o Cordeiro vencedor, também as comunidades serão vitoriosas”¹⁴.

Devido à perseguição pela qual vivia o autor de apocalipse de João, justifica-se, então, o uso de sinais, símbolos, números, animais, códigos, órgãos do corpo, elementos do universo, datas, locais e figuras do passado (da realidade judaica), pois as comunidades (judeus que haviam se tornado seguidores de Jesus) estavam familiarizadas com essa linguagem¹⁵, que deveria ser entendida somente por eles e não pelos perseguidores:

O Apocalipse de João é um tipo peculiar de profecia, não com o sentido de previsão de catástrofes futuras, como encontramos em muitas interpretações desse texto. O sentido de profecia do Apocalipse está vinculado à profecia bíblica do Antigo Testamento. Lembremos quem eram os profetas e as profetizas de Deus em meio às comunidades. Eles e elas eram justamente aqueles que ajudavam o povo a ver a sua realidade com os olhos da fé, e a partir da perspectiva do julgamento divino aos sistemas de opressão. E esse julgamento não se tratava de algo direcionado ao povo em si mesmo. Estamos falando de um julgamento direcionado aos usos do poder, feito em favor dos que sofriam, em favor dos mais desprotegidos e vulneráveis. É nesse sentido que está o caráter profético do Apocalipse.

(...)

É nesse sentido que o Apocalipse é revelação, não para amedrontar ou para falar de um Deus que tem sede de sangue e de vingança. Pelo contrário, (...) o Deus de que se fala aqui é um Deus que ama as comunidades fé, mesmo frágeis e amedrontadas como elas estavam, ou mesmo em vias de cederem ao mal sistêmico que as oprimia e as ameaçava. Mesmo assim, Deus ama a essas comunidades de fé! É por isso mesmo que ele se revela¹⁶.

¹² TERRA, 2020, p. 137.

¹³ SOLANO, Luiz Alexandre Rossi; PERONDI, Ildo. *Apocalipse: a força da resistência dos pobres*. São Paulo: Paulus, 2021, p. 7.

¹⁴ Solano; Perondi, 2021, p. 6.

¹⁵ SOLANO; PERONDI, 2021, p. 5.

¹⁶ BARROS, Odja. *Tirando o véu do apocalipse: Apocalipse 1 a 3 – as 7 Cartas às igrejas – Parte I*. São Paulo: Editora Recriar. 2023^a, p. 12

Nesse prisma, os símbolos do livro ganham outras acepções. O dragão, por exemplo, simboliza o poder opressor que age de maneira sistemática contra os pobres e marginalizados. Carlos Mesters¹⁷ interpreta o dragão como o mal institucionalizado, que na época do Apocalipse estava associado ao Império Romano e, atualmente, pode ser visto nas estruturas políticas e econômicas que promovem desigualdade e violência contra os povos oprimidos. Esse símbolo reforça a necessidade de resistência ativa das comunidades, que, inspiradas pela força da fé, devem se opor a essas forças que perpetuam a injustiça.

O símbolo da besta está diretamente relacionado ao dragão, aparecendo como uma criatura que recebe dele o poder e o utiliza para oprimir as comunidades. Na leitura libertadora, a besta representa o Império Romano e seus representantes locais, figuras que tentam impor culto e obediência forçados. Para a Teologia da Libertação, a besta é vista como o próprio sistema de dominação que se disfarça de algo justo ou necessário, mas que age com brutalidade e engano, ameaçando as comunidades e explorando o povo¹⁸. Esse símbolo é um alerta sobre os falsos profetas e as estruturas de dominação que se valem de aparência benigna para manipular e subjugar.

O mar é outra imagem poderosa no Apocalipse e representa o espaço de onde a besta emerge, simbolizando o caos e as ameaças que as comunidades enfrentam. No contexto libertador, o mar também é visto como o ambiente de onde surgem sistemas e lideranças opressoras, lembrando o enfrentamento constante que o povo pobre e perseguido precisa fazer diante de forças contrárias à justiça.

Além de Roma ter sido fundada às margens do mar Mediterrâneo, é por ele que se conduzia muito do que se produzia no império¹⁹, era também pelo mar que vinham as tropas de guerra²⁰ e como os judeus não tinham tradição marítima, o mar era assustador, indomável, desconhecido e representava o caos. Assim, o mar, como cenário de desordem, sugere que o mal não é apenas uma presença abstrata, mas se manifesta concretamente nos conflitos diários que as comunidades devem enfrentar com coragem e resiliência²¹.

O *Cordeiro*, por outro lado, é a imagem de resistência e vitória através da não violência e da persistência na justiça. Na Teologia da Libertação, o cordeiro é Cristo, o sacrifício redentor que, em contraste com a violência do dragão e da besta, representa a vitória pela fé e pela solidariedade entre os oprimidos. O cordeiro ensina que a libertação se dará através da compaixão e da justiça, não pela violência, servindo de exemplo para aqueles que, inspirados pela mensagem de Jesus, resistem ao mal com coragem pacífica. Assim, o cordeiro é o símbolo da liderança amorosa e transformadora que orienta o povo a perseverar na construção de um mundo justo²².

Finalmente, a *Nova Jerusalém* é a promessa da sociedade ideal, uma visão de uma realidade de justiça e fraternidade que substitui o sistema opressor. Essa cidade simboliza o objetivo final das lutas e da esperança do povo. Na perspectiva libertadora, a *Nova Jerusalém* é uma sociedade que se constrói ativamente na história, por meio do esforço das comunidades que se dedicam a transformar relações de injustiça em relações de justiça. A *Nova Jerusalém*, portanto,

¹⁷ MESTERS, Carlos. *Apocalipse: esperança de um povo que luta*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2002, p. 26.

¹⁸ MESTERS, 2002, p.19.

¹⁹ BORTOLINI, José. *Como ler o Apocalipse – Resistir e Denunciar*. 13. ed. São Paulo: Paulus, 2008, p. 149.

²⁰ Solano; Perondi, 2021, p. 51.

²¹ MESTERS, 2002, p. 50.

²² MESTERS, 2002, p. 26.

não é apenas um destino futuro, mas uma tarefa contínua que cada comunidade é chamada a realizar em sua vivência diária, promovendo igualdade e paz onde há desigualdade e opressão²³.

Esses símbolos, na leitura da Teologia da Libertação, são mais que alegorias espirituais; são representações das forças políticas e sociais que confrontam os fiéis e dos valores que devem orientá-los em sua caminhada. O Apocalipse, assim, se torna um guia de ação e esperança, incentivando as comunidades a resistirem às opressões e a lutarem por um mundo onde a justiça divina se realiza, inspirando-se no *Cordeiro* vencedor:

A bandeira das comunidades deve ser a justiça que conduz à realização da Nova Jerusalém em nossa história. Se há mártires em nossa caminhada é sinal de que a justiça ainda não foi alcançada. E toda vida imolada é sempre uma denúncia da injustiça que a provocou. Quando a justiça se realizar plenamente já não haverá mais martírio. É isso que buscamos em nossas lutas²⁴.

Atualizando a mensagem a partir dessa perspectiva de leitura, tem-se que: a) Deus é o Senhor da história e governa segundo o seu projeto; b) o *Cordeiro* (Jesus ressuscitado) venceu a morte para sempre; c) a *Nova Jerusalém*, símbolo de uma sociedade plenamente fraterna, desce do céu para a terra, inserindo-se na história e na caminhada do povo, mas exige uma atuação ativa e contínua das comunidades de Jesus, transformando relações de injustiça em relações de justiça. A *Nova Jerusalém* não é apenas uma promessa futura, mas uma tarefa a ser construída no presente²⁵. Odja Barros faz observação de que essa construção da *Nova Jerusalém* de que se dará por meio da vitória do projeto do *Cordeiro* vencedor, não é uma ideia triunfalista:

Não se trata, por outro lado, de uma exaltação do Jesus Cristo vitorioso, como explorado pelas igrejas que desenvolveram uma teologia triunfalista, ou, por exemplo, uma teologia da prosperidade. A potência contida nessa visão do Ressuscitado é uma alusão daquele irmão que esteve morto e que se submeteu ao sistema do mal, mas que venceu o que ninguém poderia vencer, isto é, venceu a morte. Essa vitória, a partir de agora, deve ser a referência para o nosso enfrentamento do mal²⁶.

Registre-se que essa perspectiva é alvo de críticas, sob o argumento de que não há evidências históricas que comprovem a ocorrência de uma perseguição aos cristãos sob a coroa de Domiciano. Com isso, tal hipótese “abre possibilidades de se perceber o Apocalipse como estratégia narrativa e não reflexo que subjaz à realidade do Império Romano”²⁷. Ou seja, para essa crítica à perspectiva da teologia da libertação, o Apocalipse de João não seria lido a partir de seu contexto histórico e como um reflexo do mundo romano, mas como uma construção discursiva que objetiva criar realidades.

²³ MESTERS, 2002, p. 61.

²⁴ BORTOLINI, 2008, p. 63.

²⁵ BORTOLINI, 2008, p. 175.

²⁶ BARROS, 2023a, p. 21-22.

²⁷ TERRA, 2020, p. 140.

2. Perspectiva da Doutrina do Dispensacionalismo

A doutrina dispensacionalista, por outro lado, defende uma leitura literalista da Bíblia, principalmente no que se refere ao arrebatamento da igreja. Essa doutrina divide o tempo da história humana, que vai do Éden até o término do Milênio de Cristo (reino de mil anos descrito no capítulo 20 do Apocalipse)²⁸. Para esse grupo, Jesus virá arrebatá-la antes desse “Reino Milenar” de Cristo. As divergências residem na questão de quando esse arrebatamento ocorrerá – se antes, depois ou durante o que chamam de Tribulação. Nesse sentido:

VISÕES SOBRE O REINO MILENAR

1. Amilenismo: é o nome dado à crença de que não haverá um Reino literal de mil anos em que Cristo governará sobre a Terra. As pessoas que defendem essa ideia são chamadas de amilenistas, e é importante saber que seus posicionamentos são os seguintes: Cristo já Reina, sentado no trono de Davi; Satanás está acorrentado; o Reino é espiritual, e teve início com a morte e ressurreição de Jesus Cristo;

2. Pós-milenismo: acredita que a Segunda Vinda de Cristo ocorrerá após o Milênio, mas dentro do próprio pós-milenismo existem diferentes opiniões sobre o período milenar. No final desse período, Cristo voltará, acontecerão as ressurreições tanto dos justos quanto dos ímpios, bem como o julgamento final, e o Estado Eterno será estabelecido;

3. Pré-milenismo: é a crença de que a Segunda Vinda gloriosa de Jesus dar-se-á ao final da Tribulação, quando Ele implantará um Reino terreno com duração de mil anos literais. Este autor acredita em três aspectos do Reino de Deus: Espiritual, Terrestre e Eterno²⁹.

Os símbolos descritos em Apocalipse de João, diferentemente da perspectiva da teologia da libertação, aqui, ganham outras acepções:

O dragão é Satanás a antiga serpente (Gn 3:1-15; Ap 12:9; 20:2), A besta do mar é o anticristo e a besta da terra é o falso profeta o anticristo virá com sua maior estratégia, o engano (2Ts 2:9-12). A falsa paz será estabelecida (1Ts 5:1-3).

(...)

A intenção do dragão é destruir o Filho. O dragão, que é a antiga serpente, arrasta-se desde a promessa de Gênesis 3:15, em que a semente da mulher lhe pisaria a cabeça. Consequentemente, vem opondo-se a Israel através dos séculos, culminando assim na tentativa frustrada de tirar a vida de Jesus. Herodes, o Grande, ordenou que fossem mortos todos os meninos de dois anos para baixo em Belém, e em todos os seus contornos (Mt 2:16).

(...)

A besta da terra será o falso profeta, ele será um líder religioso que terá como propósito ser um intermediário entre o anticristo e os homens, ele será uma fraude e enganará a muitos e também será responsável por colocar o sinal da besta nos homens. A descrição dele indica sua maior estratégia que será o engano, “tem dois chifres semelhantes aos de um cordeiro, mas fala como dragão”, sabemos que cordeiro é um símbolo de Cristo e de seu sacrifício (Jo 1:29; Ap 7:14), porém ele será um falso profeta, pois ele fala como dragão, e este é satanás, a antiga serpente³⁰.

²⁸ SANTIN, Jonas Roberto. *O arrebatamento pré, meso ou pós-tribulacionista da igreja numa perspectiva dispensacionalista pestecostal*. 66 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdades Est, São Leopoldo, 2015.

²⁹ STAN, Saullo. Saiba o que ensina o dispensacionalismo. Entrevista concedida por O Cristão Pentecostal. *O Cristão Pentecostal*. 2 fev. 2021. Disponível em: <https://ocristaopentecostal.wordpress.com/2021/02/02/saiba-o-que-ensina-o-dispensacionalismo/>. Acesso em: 8 nov. 2024.

³⁰ STAN, 2021.

A interpretação literal da Bíblia é uma das características centrais do dispensacionalismo, que postula que todos os eventos descritos nas profecias bíblicas acontecerão de forma literal. Segundo Maynard, com base em Erickson, para os dispensacionalistas, “a Bíblia deve ser interpretada literalmente”, o que implica uma leitura que enfatiza a restauração de Israel como uma questão fundamental para a escatologia cristã. Nesse contexto, as promessas feitas a Israel no Antigo Testamento são entendidas como ainda a serem cumpridas, o que justifica o apoio ao sionismo entre os cristãos dispensacionalistas e reflete um alinhamento político com Israel³¹.

Essa interpretação se manifesta de maneira prática na visão dispensacionalista sobre a *Nova Jerusalém*. Para os adeptos dessa doutrina, Jerusalém não é tratada como uma metáfora, mas como uma cidade literal que se tornará a capital do mundo. O retorno de Israel à sua terra, sua conversão como nação, o julgamento de seus inimigos e o recebimento da “bênção do Senhor” são entendidos de forma literal³². Esse ponto de vista revela uma aproximação com o movimento sionista, o que é visível, especialmente, em setores do neopentecostalismo brasileiro³³. Nessas vertentes, Israel desempenha um papel central no plano escatológico, e essa teologia se utiliza como um fundamento retórico para a legitimação de disputas políticas e territoriais, como as que envolvem a Palestina, por exemplo.

Embora o dispensacionalismo não tenha origem nos Estados Unidos, sua influência no Brasil está diretamente vinculada ao protestantismo estadunidense e representa uma aversão à modernidade e à secularização. Por essa razão, essa doutrina é considerada fundamentalista. Historicamente, a teologia dispensacionalista desenvolveu-se no século XIX, por meio do irlandês John Nelson Darby, que, a partir de sua interpretação do texto em questão, dividiu radicalmente a Igreja e Israel em dois povos com promessas e missões distintas.

Darby afirmava que Deus tem planos e pactos específicos para cada um, o que impulsionou a ideia de que Deus age de maneiras diferentes em tempos diferentes. Essa teologia encontrou grande adesão entre protestantes nos Estados Unidos e, posteriormente, no Brasil, onde foi amplamente disseminada pelas igrejas pentecostais³⁴. Esse fenômeno, contribuiu para a aproximação de símbolos do judaísmo ao cristianismo brasileiro (a bandeira de Israel, a arca da aliança, a figura do leão – representando o Leão da Tribo de Judá). Nesse sentido:

O dispensacionalismo nos parece ter o mais sugestivo papel nesse processo de ‘circularidade’ ou ‘apropriação’ que vai invadir as novas igrejas e, até a hegemônica que, aparentemente como uma resposta, apresenta já em seus ritos alguns nuances dessa apropriação dita como judaizante.

Desta forma, a proposta apresentada pelo dispensacionalismo pode ser encontrada em pleno século XXI não como um mero fato histórico sem conexões, vítima de um positivismo, mas sim, após sua construção e desconstrução, percebe-se ser uma ferramenta de auxílio no retardo do processo de desgaste promovido pela modernidade.

Assim o dispensacionalismo é visto ou identificado como fenômeno judaizante por apresentar uma valorização e viabilidade com Israel nacional. Ou mesmo por promover doutrinas

³¹ MAYNARD, Cândido Luiz Santos. *O dispensacionalismo e a utilização de símbolos judaicos nos cultos evangélicos*. 2016. 132 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2016, p. 107.

³² STAN, 2021.

³³ MAYNARD, 2016, p. 107.

³⁴ MAYNARD, 2016.

comuns como o pre-milenarismo, algumas muito populares, o dispensacionalismo é um fenômeno que mesmo com outros nomes está presente na matriz religiosa brasileira³⁵.

O dispensacionalismo organiza a história bíblica em “dispensações” ou eras específicas, cada uma com uma forma distinta de relacionamento entre Deus e a humanidade: inocência, consciência, governo humano, promessa, lei e milênio. Segundo Olson, o termo “dispensação” (do grego “oikonomia”) representa uma administração divina em períodos específicos, com o objetivo de guiar a humanidade até o cumprimento das promessas de Deus, o que culmina no Milênio de Cristo. Cada dispensação possui características próprias e um objetivo definido dentro do “plano divino” para a salvação ou condenação da humanidade:

A primeira foi a dispensação da inocência, que durou da criação de Adão e Eva até a queda deles, após desobedecerem a Deus e comerem o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, conforme Gênesis 3.6. A segunda dispensação foi a da consciência que foi o período após a queda de Adão e Eva até o Dilúvio (Gn 3.1 a 8.14). Nessa se ensina que após o homem adquirir a consciência do bem e do mal, não se conscientizou a ponto de Deus destruir o ser, poupando somente Noé e sua família, assim como, outros seres vivos (animais).

A terceira dispensação foi a do governo humano que durou do término do dilúvio até a construção da Torre de Babel onde houve a dispersão dos homens sobre a terra (Gn 8.15 a 11.19). A quarta é a dispensação Patriarcal, que teve início com a chamada de Abraão até a saída de Israel do Egito (Gn 12.1 a Êx 18.27). A quinta dispensação é a da Lei, que durou do Sinai, onde Moisés recebeu as primeiras Leis de Deus, até a crucificação de Jesus.

A sexta dispensação é a que ainda está vigente, que é a da graça ou eclesiástica. Essa dispensação teve início com a morte de Jesus pela humanidade, a fim de formar a igreja, ou seja, o corpo de Cristo, e terminará quando ela for arrebatada. Sendo assim, nos dias atuais, na teologia dispensacionalista, as pessoas são salvas ou julgadas pela dispensação da graça. Quando a igreja for arrebatada findará essa dispensação e então virá a última revelada pela Bíblia, a sétima dispensação, a do Reino de Cristo³⁶.

A concepção dispensacionalista tem forte apelo político e social, uma vez que se opõe a mudanças trazidas pela modernidade e pela secularização. Essa resistência à modernidade reflete-se em uma visão conservadora e fundamentalista que defende valores contrários aos avanços sociais e científicos, muitas vezes interpretados como ameaças ao “plano divino”³⁷. Com uma visão estática e fatalista do futuro, os dispensacionalistas mantêm uma postura apática em relação a problemas globais, como a desigualdade social e a preservação do meio ambiente.

Na prática, a crença no “arrebatamento iminente” gera uma expectativa de que a vinda de Cristo ocorrerá a qualquer momento, incentivando uma vida de santidade e vigilância constante entre os pentecostais e dispensacionalistas. Essa perspectiva leva os fiéis a se dedicarem à sua vida espiritual, sem uma preocupação ativa com questões sociais, pois acreditam que o fim dos tempos está próximo e que a intervenção humana pouco altera o destino final da humanidade³⁸. Assim, o foco é preparar-se individualmente para o arrebatamento, o que diminui o interesse

³⁵ MAYNARD, 2016, p. 54.

³⁶ SANTIN, 2015, p. 10.

³⁷ MAYNARD, 2016, p. 39.

³⁸ SANTIN, 2015, p. 42.

pela transformação social. É importante dizer que a ideia de arrebatamento está baseada, também numa interpretação literal, em textos bíblicos que não estão no Apocalipse de João³⁹:

Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito. Vou preparar-vos lugar. E quando eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para mim mesmo, para que onde eu estiver estejais vós também⁴⁰;

Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor⁴¹;

Eis aqui vos digo um mistério: Na verdade, nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados; Num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados⁴².

O pensamento dispensacionalista reflete-se, portanto, em uma postura política e ideológica que, ao dar prioridade ao plano escatológico, ignora ou até rejeita políticas de justiça social e ambiental. As igrejas adeptas dessa visão tendem a se opor ao Estado laico e às instituições seculares, considerando-as ameaças ao plano divino. Isso evidencia o caráter fundamentalista do movimento, que enxerga a secularização como um desvio da verdade bíblica e mantém-se inflexível em relação à modernidade⁴³.

Além disso, o dispensacionalismo também fortalece uma postura passiva em relação ao futuro do mundo. A doutrina, ao se concentrar na inevitabilidade do fim, desencoraja uma atuação ativa na promoção da justiça social e ambiental, visto que acredita que a destruição do mundo é um evento profético inevitável. Quando não, incentiva somente uma atuação proselitista. Com isso, cria-se um distanciamento em relação às causas humanitárias, na medida em que a transformação do mundo é vista como irrelevante frente à proximidade do apocalipse.

Assim, o dispensacionalismo molda tanto as práticas religiosas quanto as posições políticas e sociais de seus adeptos. Com sua visão literalista e futurista das Escrituras, enfatiza uma estrutura que não encoraja o cuidado ativo com o mundo e com as injustiças, já que acredita-se que o destino final da Terra e da humanidade já está traçado pelas profecias. Em consequência, a teologia dispensacionalista se torna uma força que resiste às mudanças e se recusa a adotar uma postura transformadora, confiando, em vez disso, na consumação do plano divino através dos eventos apocalípticos.

3. Perspectiva Indígena⁴⁴

Enquanto as tradições judaico-cristãs adotam uma visão linear do tempo, a perspectiva indígena o compreende de forma circular, vendo a história como uma repetição ou recriação de

³⁹ As citações bíblicas nesta pesquisa seguem a versão Almeida Corrigida Fiel (ACF), exceto quando indicado de outra forma.

⁴⁰ João 14,2-3.

⁴¹ 1Ts 4,16,17.

⁴² 1Cor 15,51-52.

⁴³ MAYNARD, 2016, p. 91.

⁴⁴ É importante destacar que na tradição indígena a força da oralidade é predominante, o que vai impactar diretamente na disponibilidade de fontes que subsidiaram as discussões neste tópico, mas em nada diminui sua relevância e importância.

eventos passados. Essa diferença gera uma relação distinta entre o ser humano, o meio ambiente e as ideias apocalípticas:

O povo indígena é um povo que não tem futuro, não existe a palavra futuro na língua Munduruku. Sabe por que não tem? Porque não se experimentou, a gente cria as palavras de coisas que a gente experimenta. Os povos indígenas sempre acreditaram que existe o passado que é a memória, e existe o presente, que é o agora. A memória serve para nos dizer, estou muito feliz, o presente serve para podermos vivenciar toda essa memória, de modo que são os povos que são bons que se organizaram, ou nesse tempo passado, ou no presente ou da própria existência. meu avô, que era sábio, ele sempre queria nos lembrar disso, ele dizia assim: *olha meus netos, se o momento atual seu agora não fosse bom não se chamava presente. Meu avô me dizia: Só o agora nos compromete. Só o agora faz com que a gente tome uma atitude de fato*⁴⁵.

Os povos indígenas também percebem a vida como interconectada e ancorada no conceito de parentesco com a natureza, valorizando uma convivência harmoniosa e de preservação do presente. Essa visão contrasta com a perspectiva ocidental, voltada para o progresso material e para o futuro, o que muitas vezes acarreta na exploração e destruição dos recursos naturais⁴⁶. Krenak⁴⁷ destaca que essa relação com o tempo presente promove uma consciência ecológica única, que não é motivada pela espera de uma era futura, mas sim pela conservação e usufruto daquilo que já existe:

Nós humanos não somos capazes de viver em Marte, por exemplo. Tem uma experiência recente de fazer uma plataforma no espaço. Há algumas semanas, um foguete levou astronautas para o espaço nesse projeto ambicioso, mas definitivamente para nós vivermos no espaço só se for com um aparato como aquele que o astronauta usa. É complicado ainda para vivermos fora daqui, da atmosfera da Terra. Por isso que eu adoro a Terra, eu tenho uma alegria tão grande de habitar esse organismo fantástico que é a Terra, Gaia. Para muitas culturas, muitas tradições nós tivemos origem aqui nesse lugar, que é esse Planeta. Para algumas outras narrativas, existe a possibilidade desse Planeta mesmo, que compartilhamos a vida com ele, ser um fenômeno tão fantástico, constituído, talvez há bilhões de anos, por outras estrelas e transformações que aconteceram em outras galáxias⁴⁸.

Enquanto os cristãos, na doutrina do dispensacionalismo, aguardam passivamente o fim do mundo como uma resposta divina às injustiças do presente, com foco na salvação futura e na cidadania celestial, os indígenas, segundo o pensamento de Ailton Krenak, concentram-se no tempo presente e mantêm uma resistência constante contra o consumismo desenfreado e a visão da humanidade como separada da Terra. Seu objetivo é adiar o fim do mundo, adotando, assim, uma postura mais proativa:

⁴⁵ ARRZINGEN, Paulo. Entrevista com Daniel Munduruku. *Diário do Turismo*, São Paulo, 19 abr. 2024. Disponível em: <https://diariodoturismo.com.br/daniel-munduruku-e-seu-discurso-na-abertura-da-wtm-latin-america/>. Acesso em: 7 nov. 2024.

⁴⁶ ARRZINGEN, 2024.

⁴⁷ 2019.

⁴⁸ KRENAK, Ailton. *Caminhos para a cultura do bem-viver*. [on-line], 2020. Disponível em: http://www.cultura-dobemviver.org/pdf/Caminhos_para_a_cultura_do_Bem_Viver_Ailton_Krenak.pdf. Acesso em: 16 maio 2024, p. 16.

Tomara que estes encontros criativos que ainda estamos tendo a oportunidade de manter animem a nossa prática, a nossa ação e nos deem coragem para sair de uma atitude de negação da vida para um compromisso com a vida, em qualquer lugar, superando as nossas incapacidades de estender a visão a lugares para além daqueles a que estamos apegados e onde vivemos, assim como às formas de sociabilidade e de organização de que uma grande parte dessa comunidade humana está excluída, que em última instância gastam toda a força da Terra para suprir a sua demanda de mercadorias, segurança e consumo⁴⁹.

Esse entendimento reforça a postura indígena de que o “fim do mundo” é uma possibilidade concreta, mas que pode ser adiada se houver um compromisso com práticas de preservação e cuidado com o meio ambiente. Os povos originários compreendem que, sem a manutenção desse equilíbrio com a natureza, a destruição será inevitável. Para eles, o mundo não é um recurso finito para ser explorado, mas um ser vivo que deve ser respeitado e cuidado⁵⁰.

Considerando a ênfase no presente e a preservação das memórias dos ancestrais, que permanecem nas florestas e nas montanhas, como afirmam Kopenawa e Albert⁵¹, bem como a circularidade da história, é possível afirmar que a apocalíptica indígena se assemelha quase a uma “ausência da apocalíptica”. A espiritualidade indígena, fundamentada no *Bem-viver*, implica práticas como: a) o uso sustentável da natureza; b) o incentivo à partilha como base para uma nova economia solidária; c) a vivência comunitária e uma democracia genuína e ampla, para além da democracia formal; e d) o exercício da multiculturalidade⁵².

Essas práticas acima, focadas excessivamente no presente, não permitem o desenvolvimento de uma “escatologia apocalíptica indígena”, entendida, aqui, como o conjunto de ideias e temas que se voltam para uma espera de retribuição ligadas a uma realidade fora do mundo e das experiências humanas, estando caracterizada pela divisão em duas eras, uma visão pessimista da era presente, a crença na intervenção sobrenatural como única forma de redenção e a expectativa do iminente surgimento de uma nova era⁵³.

Dessa forma, é possível dizer que a apocalíptica judaico-cristã não se alinha à perspectiva indígena, pois são formas de ver o mundo bastante distintas. Enquanto aquela espera pela constituição de um “novo céu e nova terra”, a perspectiva indígena se dedica à preservação da terra dada no presente, exigindo, portanto, uma postura mais ativa do sujeito no momento atual.

Todavia, apesar de cosmovisões divergentes, há teólogos e teólogas que defendem um modo de falar de Deus para além do teísmo, questionando a espiritualidade que não vê presença divina na Criação. Como afirma Barros, isso não seria a volta do Panteísmo (tudo é deus), mas um reconhecimento de que:

Deus se encarna no cosmos. (...) Ele se manifesta como encarnação. Na árvore como árvore, no animal como animal, no ser humano como ser humano, no espírito como espírito. Esses não são serem além dos quais existe ainda um Deus que se enfia dentro deles. Deus é cada um desses seres, ao mesmo tempo, não se esgota, de forma particular, em nenhum deles,

⁴⁹ KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 50.

⁵⁰ Arrzingen, 2024.

⁵¹ KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu*. Palavras de um xamã Yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

⁵² BARROS, Marcelo. *Os segredos do nosso encanto: o que a fé cristã pode aprender com as espiritualidades indígenas e negras*. São Paulo: Editora Recriar. 2023, p. 220.

⁵³ TERRA, 2020, p. 80.

porque está sempre também nos outros. Essa é a experiência que quem é místico/a faz. Reconhece o cosmo como manifestação inteligente de Deus⁵⁴.

Portanto, há quem defenda que também as culturas originárias podem ser lugares da revelação do Espírito, propondo que através do diálogo com essas culturas seja possível descobrir o que Deus quer dizer às pessoas e as comunidades cristãs a partir das tradições indígenas. Isso parece ser algo novo e bastante inovador, mas, na verdade, não é. A própria tradição judaica, que insiste numa unicidade, herdou da antiga espiritualidade persa e babilônica a concepção de anjos e demônios, por exemplo⁵⁵.

Conclusão

A partir da análise das três perspectivas apocalípticas, torna-se possível debater quais delas servem à emancipação e à humanização dos seres humanos. Nesse sentido, James Cone aponta que as perspectivas – no caso dele, teológicas – definem a existência e as ações da comunidade no mundo. Daí a importância de analisá-las e refletir criticamente sobre elas:

A teologia, em contrapartida, não pode se separar da comunidade que representa. Ela presume que a verdade tenha sido transmitida à comunidade no momento do seu surgimento. Sua missão é analisar as implicações dessa verdade a fim de se certificar que a comunidade permaneça comprometida com o que define a sua existência. A teologia é a tentativa contínua da comunidade de definir, em cada geração, a razão de sua existência no mundo. A comunidade que não analisa a sua existência teologicamente é uma comunidade que não se importa com o que diz ou faz. É uma comunidade sem identidade⁵⁶.

A Teologia da Libertação, ao interpretar o Apocalipse de João, faz uma leitura política do texto, associando-o à opressão e resistência das comunidades marginalizadas. Nesse contexto, o apocalipse não é uma catástrofe futura, mas um símbolo de esperança para aqueles que lutam contra as injustiças, com a promessa de uma nova ordem de justiça. A teologia latino-americana vê a *Nova Jerusalém* como uma tarefa a ser construída no presente, engajada na transformação das relações sociais. Isso confere ao apocalipse uma função de libertação e resistência, sendo um motor de ação política e transformação social.

Por outro lado, o dispensacionalismo adota uma visão literalista e futurista da Bíblia, particularmente do Apocalipse. Para os adeptos dessa doutrina, o “fim do mundo” está inevitavelmente ligado ao arrebatamento da Igreja, um evento iminente que marca o início de um período de Tribulação e, finalmente, o Milênio de Cristo. Essa leitura resulta em uma postura apática e passiva em relação às questões sociais e políticas, pois o foco está na preparação para a salvação individual e na crença de que a intervenção divina restaurará a ordem. A visão dispensaciona- lista é, portanto, essencialmente escapista, com pouca ênfase na transformação do presente, já que a salvação está projetada para um futuro distante e sobrenatural.

⁵⁴ SQUIZZATO, 2021, p. 20 *apud* Barros, 2023, p. 140.

⁵⁵ BARROS, 2023, p. 140.

⁵⁶ CONE, James H. *Teologia negra*. 50. ed. Participação de Henrique Vieira, Silvio Almeida, Ronilso Pacheco e Rás André. São Paulo: Editora Recriar, 2020.

Em contraste, a perspectiva indígena, conforme articulada por pensadores como Ailton Krenak, oferece uma visão circular do tempo, em que o “fim do mundo” não é uma catástrofe a ser aguardada, mas uma série de ciclos a serem preservados e respeitados. Para os povos indígenas, o presente é o momento central da existência, e a relação com a Terra é vista como algo fundamental para a continuidade da vida. A apocalíptica indígena, portanto, não se baseia em uma expectativa de destruição, mas em uma resistência ativa contra a exploração e o consumismo, promovendo práticas sustentáveis e de “bem-viver”. Essa perspectiva se distingue por sua ênfase na preservação e no cuidado com o mundo, em vez de esperar por uma intervenção sobrenatural futura.

É importante perceber que nenhuma dessas perspectivas está descolada dos interesses dos poderes políticos e econômicos, da cosmovisão de cada grupo ou, ainda, de ideias que promovam uma postura ativa ou passiva da comunidade ou do indivíduo. Nesse sentido, Hinkelammert observa que a perspectiva fundamentalista expatria a esperança, substituindo-a pela espera da vinda de Cristo ou de uma vida melhor após a morte:

Essa é uma forma de administrar aquele tipo de esperança que almeja o pior para que sobrevenha o melhor. Mesmo quando tudo é ruim aqui, lá em cima tudo é bom. O fundamentalismo manipula a esperança, pois ninguém consegue viver totalmente sem ela. Certo, a esperança não deixa de existir, mas perde seu conteúdo: o presente se desloca para outra dimensão, seja para o futuro, para o passado ou para o além. Desloca-se a esperança para evitar o conflito concreto. A esperança que consiste em afrouxar a inflexibilidade da estratégia de globalização é obscurecida por uma esperança transferida para além da morte ou para além do presente; é uma esperança sacrificial⁵⁷.

Uma perspectiva literal de apocalipse faz o ser humano viver sem esperança. Segundo Rubem Alves, a ausência de esperança leva à desintegração da personalidade, “porque o colapso da esperança é o mesmo que reconhecer os valores como ilusões e a brutalidade dos fatos sem sentido como realidade. Só lhe resta, então, entregar-se às estruturas de poder do seu tempo-presente, que são a negação dela mesma”⁵⁸.

Em última análise, as três perspectivas analisadas refletem diferentes abordagens em relação ao “fim” e ao papel do ser humano na história. Enquanto a Teologia da Libertação oferece uma visão de resistência e transformação social, o dispensacionalismo propõe uma postura de fuga para a salvação individual, sem engajamento com as questões do presente. Por sua vez, a perspectiva indígena, ao focar no agora e na preservação das relações com a Terra, desafia a ideia de que a salvação depende de um evento cataclísmico futuro.

Cada uma dessas cosmovisões molda as práticas sociais e políticas de seus adeptos, propondo respostas diferentes aos desafios do mundo contemporâneo. O estudo dessas perspectivas é fundamental para compreender as dinâmicas de poder e identidade que permeiam as religiões e as sociedades, revelando como as crenças apocalípticas podem influenciar atitudes em relação ao futuro e ao meio ambiente.

⁵⁷ HINKELAMMERT, Franz. *Mercado versus direitos humanos*. São Paulo: Paulus, 2014., p. 145.

⁵⁸ ALVES, Rubem. *Da Esperança*. Campinas: Papirus, 1987.

Referências

- ALVES, Rubem. *Da Esperança*. Campinas: Papyrus, 1987.
- ARRZINGEN, Paulo. Entrevista com Daniel Munduruku. *Diário do Turismo*, São Paulo, 19 abr. 2024. Disponível em: <https://diariodoturismo.com.br/daniel-munduruku-e-seu-discurso-na-abertura-da-wtm-latin-america/>. Acesso em: 7 nov. 2024.
- BOFF, Leonardo (Org). *A Teologia da Libertação Balanços e Perspectivas*. São Paulo: Ática, 1996.
- BARROS, Marcelo. *Os segredos do nosso encanto: o que a fé cristã pode aprender com as espiritualidades indígenas e negras*. São Paulo: Editora Recriar. 2023.
- BARROS, Odja. *Tirando o véu do apocalipse: Apocalipse 1 a 3 – as 7 Cartas às igrejas – Parte I*. São Paulo: Editora Recriar. 2023a.
- BORTOLINI, José. *Como ler o Apocalipse – Resistir e Denunciar*. 13ª Ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- JORDÃO, Pedro N. “Macetando” é a mais ouvida do carnaval no Spotify Brasil. *CNN Brasil*, São Paulo, 15 fev. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/macetando-e-mais-ouvida-do-carnaval-no-spotify-brasil/>. Acesso em: 7 nov. 2024.
- CONE, James H. *Teologia negra*. 50. ed. Participação de Henrique Vieira, Silvio Almeida, Ronilso Pacheco e Rás André. São Paulo: Editora Recriar, 2020.
- HINKELAMMERT, Franz. *Mercado versus direitos humanos*. São Paulo: Paulus, 2014.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu*. Palavras de um xamã Yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KRENAK, Ailton. *Caminhos para a cultura do bem-viver*. [on-line], 2020. Disponível em: http://www.culturadobemviver.org/pdf/Caminhos_para_a_cultura_do_Bem_Viver_Ailton_Krenak.pdf. Acesso em: 16 maio 2024.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019
- MAYNARD, Cândido Luiz Santos. *O dispensacionalismo e a utilização de símbolos judaicos nos cultos evangélicos*. 2016. 132 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2016.
- MESTERS, Carlos. *Apocalipse: esperança de um povo que luta*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2002.
- OLSON, N. Lawrence. *O plano divino: através dos séculos – as dispensações que Deus estabeleceu para Israel*. Rio de Janeiro: 2004.
- PRADO, Pedro Benjamim. Baby do Brasil diz que foi abduzida por ETs. *Terra*. 16 fev. 2024. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/musica/baby-do-brasil-diz-que-foi-abduzida-por-ets,5a70474966ea98a0798b4e34204107c521rgfrfl.html>. Acesso em: 2 mar. 2024.
- ROCHA, Adriane. Carnaval de Salvador é o maior Carnaval de rua do mundo. *Portal Umbu*, 18 jan. 2024. Disponível em: <https://portalumbu.com.br/carnaval-de-salvador-e-o-maior-carnaval-de-rua-do-mundo/>. Acesso em: 02 mar. 2024.
- SANGALO, Ivete. IVETE SANGALO – Podpah #767. Entrevistado por Igã e Mítico. *Canal Podpah*, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=daOIMMxh7r4>. Acesso em: 8 nov. 2024.
- SANTIN, Jonas Roberto. *O arrebatamento pré, meso ou pós-tribulacionista da igreja numa perspectiva dispensacionalista pestecostal*. 66 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdades Est, São Leopoldo, 2015.

SOARES, Dionísio Oliveira. A literatura apocalíptica: o gênero como expressão. *Horizonte – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, Belo Horizonte, v. 7, n. 13, p. 99-113, dez. 2008.

SOLANO, Luiz Alexandre Rossi; PERONDI, Ildo. *Apocalipse: a força da resistência dos pobres*. São Paulo: Paulus, 2021.

STAN, Saullo. Saiba o que ensina o dispensacionalismo. Entrevista concedida por O Cristão Pentecostal. *O Cristão Pentecostal*. 2 fev. 2021. Disponível em: <https://ocristaopentecostal.wordpress.com/2021/02/02/saiba-o-que-ensina-o-dispensacionalismo/>. Acesso em: 8 nov. 2024.

TERRA, Kenner R. C. *O Apocalipse de João: caos, cosmos e o contradiscurso apocalíptico*. 2. ed. São Paulo: Recriar, 2020.

Submetido em 26/11/2024

Aprovado em 18/06/2025